

Consumo de informações acadêmicas: um estudo sobre o hábito de leitura de periódicos nas áreas de Comunicação e Interdisciplinar

Consumption of academic information: a study on the habit of reading journals in the areas of Communication and Interdisciplinary

Consumo de información académica: un estudio sobre el hábito de leer revistas en las áreas de Comunicación e Interdisciplinar

Octavio Penna Pieranti^{ai}

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2719-2431>

Juliano Domingues^{bii}

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6956-255X>

Recebido em: 16/10/2021. Aprovado em: 31/01/2022.

Resumo

O desenvolvimento das tecnologias da informação e da comunicação levou a mudanças evidentes na forma de lidar com o consumo de informações em geral. Como pesquisadores tem lidado com isso? Este artigo tem por objetivo avaliar as mudanças do hábito de leitura de periódicos acadêmicos em comunidades de práticas das áreas de Comunicação e Interdisciplinar, a partir de um questionário respondido por 336 integrantes dessas comunidades em todo o país.

Palavras-chave: TIC. Comunidades de práticas. Hábitos de leitura. Periódicos acadêmicos. Áreas de Comunicação e Interdisciplinar.

Abstract

The development of information and communication technologies has led to evident changes related to consumption of information in general. How have researchers dealt with this? This article aims to assess changes in the habit of reading academic journals in communities of practice in the areas of Communication and Interdisciplinary, based on a questionnaire answered by 336 members of these communities across the country.

Keywords: ICT. Communities of practice. Reading habits. Academic journals. Communication and Interdisciplinary Areas.

Resumen

El desarrollo de las tecnologías de la información y la comunicación ha llevado a cambios evidentes en el consumo de información en general. ¿Cómo han abordado esto los investigadores? Este artículo tiene como objetivo evaluar cambios en el hábito de lectura de revistas académicas en comunidades de práctica en las áreas de Comunicación e Interdisciplinar, a partir de un cuestionario respondido por 336 miembros de estas comunidades en todo el país.

Palabras clave: TIC. Comunidades de Práctica. Hábitos de lectura. Publicaciones académicas. Áreas de comunicación e interdisciplinariedad.

^a Universidade Estadual Paulista – Unesp. São Paulo/Brasil. E-mail: octavio.pieranti@gmail.com

^b Universidade Católica de Pernambuco-Unicap. Pernambuco/Brasil. E-mail: juliano.domingues@unicap.br

Introdução

No princípio, era o livro. A seguir, já há algumas décadas, periódicos impressos somaram-se a eles como principais fontes das pesquisas conduzidas no Brasil. Com a massificação da Internet, iniciou-se a migração de ambos, e logo os sites de periódicos tornaram-se referências significativas. Bases aglutinadoras de periódicos vieram na sequência. Depois, redes sociais, algumas dedicadas especificamente ao público acadêmico, e ferramentas de busca com engenharia similar a dos buscadores tradicionais passaram a ser acessadas por pesquisadores que, enfim, dispõem de um acervo aparentemente ilimitado de fontes.

Diante desse cenário, pergunta-se: como pesquisadores se relacionam com toda a diversidade propiciada por essas tecnologias da informação e da comunicação? Essa potencialidade é explorada ou se mostra restrita, em parte, pelos próprios hábitos dos pesquisadores, que se limitam a poucos sites e, com essa prática, lançam elementos para ajudar a redefinir o próprio segmento de periódicos acadêmicos quanto ao seu alcance e relevância? Vale destacar o viés de seleção quanto à escolha pelas áreas Comunicação e Interdisciplinar, adotadas de modo deliberado por se tratar dos campos em que os autores da investigação se situam institucionalmente em seus respectivos programas de pós-graduação.

Este artigo, movido por tais questionamentos, tem propósito essencialmente empírico, guiado pelo objetivo de avaliar mudanças do hábito de leitura de periódicos acadêmicos nas comunidades de práticas¹ das áreas de Comunicação e Interdisciplinar. Para isso, um questionário do tipo *web survey* foi respondido por 336 professores, pesquisadores e estudantes atuantes nessas comunidades. Não foi objetivo deste trabalho buscar uma amostra estatisticamente válida e representativa dos campos da comunicação e interdisciplinar em todo o país; ainda assim, os autores desconhecem a existência de pesquisa sobre este tema com amostra dessa magnitude e com a diversidade que será ressaltada em seções futuras deste artigo.

Os resultados indicaram indícios relevantes de mudança em termos de consumo de informação científica por parte de pesquisadores de ambas as áreas, bem como um panorama do perfil daqueles que têm adotado novos hábitos. Os achados demonstram,

¹ O conceito de comunidade de práticas é apresentado adiante, de modo sucinto, uma vez que, ressalte-se, não é central a este estudo oferecer um debate teórico-conceitual, mas, sim, se concentrar em aspectos empíricos relacionados ao tema proposto.

ainda, o quanto esse movimento é fértil em termos de possíveis desenhos para futuras investigações.

O presente texto se encontra dividido em quatro etapas. Na primeira delas, na próxima seção, com o fito de contextualizar o leitor nesta discussão, são apresentados aspectos teóricos relacionados à transformação recente do consumo de informações e, em específico, de informações acadêmicas, propiciada pela evolução das tecnologias da informação e da comunicação. Na seção seguinte, são abordados os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa e inerentes à aplicação do questionário. A penúltima seção do artigo dedica-se à apresentação e à análise dos resultados obtidos. E, por fim, são tecidas as considerações finais, nas quais são retomados pontos da análise e aprofundadas algumas reflexões.

Aspectos teóricos

O desenvolvimento de tecnologias da informação e da comunicação (TICs) tem proporcionado transformações relevantes quanto à produção, difusão e consumo de informação (THOMPSON, 2013; KUMAR, 1997). Estas, por sua vez, dizem respeito a novas experiências espaço-tempo, características da chamada sociedade pós-industrial (BELL, 1973) ou pós-moderna (HARVEY, 2003), chave-analítica fundamental para análise de fenômenos contemporâneos.

É nesse sentido que Giddens (1991) recorre à noção de descontinuidade, ao levar em conta os seguintes aspectos: (i) o ritmo de mudança, marcada pela rapidez extrema se comparada à das sociedades tradicionais; (ii) o escopo da mudança, isto é, à interconexão das áreas alvo de modificações; (iii) a natureza intrínseca das instituições modernas, já que determinadas formas sociais são peculiares do seu período, como a ideia de Estado-nação.

Na pré-modernidade, o tempo estava vinculado ao espaço geográfico, a referências socioespaciais, ou seja, o onde conectado ao quando. Na modernidade, entretanto, a invenção do relógio mecânico, no fim do século XVIII, e a padronização do calendário proporcionaram a separação entre esses dois elementos – tempo e espaço –, exacerbada na contemporaneidade. O esvaziamento do tempo provocou, em grande medida, o esvaziamento do espaço. A interação face a face passa a dividir espaço com relações com outros “ausentes”, em locais fantasmagóricos. A disjunção tempo-espaço é condição essencial para o processo de desencaixe. “As organizações modernas são

capazes de conectar o local e o global de formas que seriam impensáveis em sociedades mais tradicionais e, assim fazendo, afetam rotineiramente a vida de milhões de pessoas” (GIDDENS, 1991, p. 28).

A interferência na vida das pessoas ganha contorno mais nítido quando se fala em tecnologias da comunicação. A noção de industrialismo está relacionada a cenários de alta tecnologia, em que microcircuitos eletrônicos afetam não só o ambiente de trabalho, mas os transportes, as comunicações e a vida moderna. O distanciamento espaço-tempo nesse nível propicia a globalização, entendida como a intensificação das relações sociais em escala mundial: “as tecnologias mecanizadas de comunicação influenciam drasticamente todos os aspectos da globalização desde a primeira introdução da imprensa mecânica na Europa” (GIDDENS, 1991, p. 81).

A mídia favoreceu, assim, a descontinuidade da modernidade, o que se revela de modo explícito quando da remodelagem das concepções de tempo e espaço, uma vez em xeque, reflete-se na “crise de identidade” do indivíduo moderno. Transformações relacionadas à compressão espaço-tempo estão atreladas a efeitos relevantes nos sistemas de representação de identidades do qual emerge aquilo que Hall (2003, p. 12-3) classifica como “sujeito pós-moderno”. Tal concepção de identidade é uma “celebração móvel”, em contínua transformação sob influência dos múltiplos sistemas de representação que o rodeia.

As tecnologias da comunicação devem, então, ser compreendidas como condicionantes da “desconexão gradativa da contiguidade e do compartilhamento do tempo” (CASTELLS 2016, p. 80). Em outras palavras, elas permitem a prática da simultaneidade sem contiguidade. Quebra-se o entendimento do tempo enquanto sequenciamento de práticas, de modo que as ideias de passado, presente e futuro passam a ser guiadas pela aleatoriedade em um contexto de aniquilação do tempo por meio da sua compressão, empreendida pelas tecnologias da informação e da comunicação. Isso se reflete no ambiente característico da sociedade em rede: “Uma sociedade em rede é uma sociedade cuja estrutura social é construída em torno de redes ativadas por tecnologias de comunicação e de informação processadas digitalmente e baseadas na microeletrônica” (CASTELLS, 2016, p. 70).

Nessa sociedade, o valor reside na informação e no conhecimento. As enciclopédias de ontem são os bancos de dados de hoje, em um movimento de articulação entre informação, conhecimento e comunicação, intimamente relacionados às transformações do capitalismo no final do século XX. Deter informação é pré-

requisito para a capacidade de oferecer respostas. Trata-se, portanto, de algo estratégico. O que conta, como ressalta Bell (1973, p. 148), não é mais a força muscular ou a energia, mas a informação. É ela que gera e sustenta a sociedade pós-industrial, por meio da interconexão entre satélites, fibra ótica e microcomputadores (KUMAR, 1997).

O desenvolvimento da telemática transformou não só o funcionamento das empresas, como também as relações sociais de um modo geral – como exemplo, pode-se citar a “cabana eletrônica” de Toffler (1997, p. 40): “por trás dessa monumental realocação do poder reside uma mudança no papel, na significação e na natureza do conhecimento”. O conflito no mundo contemporâneo reside, mais do que nunca, na disputa pelo conhecimento: “A pesquisa de ponta é o alicerce indispensável para que se afirme o poder econômico na competitiva era pós-industrial” (LYOTARD, 1998, p. 126).

Na medida em quem os indivíduos vivem a alteração das dimensões espaço-temporal da vida social, os interesses das instituições de mídia reforçam seu caráter comercial. A comunicação se globaliza e as formas de comunicação eletronicamente mediadas se desenvolvem. Observa-se a formação de um sistema global de processamento de comunicação e informação e o surgimento uma nova forma de interação social: a “quase-interação mediada”, a qual se dissemina através do tempo e do espaço (THOMPSON, 2013).

Giddens também formula conceito semelhante, denominado “desencaixe”. Trata-se do “‘deslocamento’ das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espaço” (1991, p. 29). Esta forma de contato entre indivíduos apresenta uma série de características que a diferenciam das formas de intercâmbio simbólico realizado face a face. Esse processo se intensifica com a popularização da internet, iniciada no fim do século XX, marcada pela cultura da liberdade, da solidariedade e do compartilhamento (CASTELLS, 2003). Associada ao desenvolvimento da comunicação sem fio, ela promove o surgimento de novas dinâmicas de sociabilidade baseadas na conectividade permanente e na redução dos custos de informação e mobilização em um ambiente híbrido em termos de padrões de processos comunicacionais (COLEMAN, 2017; CASTELLS, 2016).

A comunicação unidirecional da sociedade industrial cede lugar, gradualmente, à intercomunicação individual. Esta, própria da sociedade pós-industrial, é caracterizada pelos nichos com potencial de alcançar a massa por meio da horizontalidade e da descentralização. Redes de conexão em escala global são estabelecidas por meio dos

sites de redes sociais e o ato de transcender barreiras espaço-temporais por meio da tecnologia é internalizado com reflexos relevantes nas relações de poder.

Quanto ao contexto brasileiro, evidências indicam importantes mudanças de hábito de consumo de informação em geral, impulsionadas pelo uso de smartphones com acesso à internet ao mesmo tempo em que se discute o atual potencial de meios considerados tradicionais, como jornal impresso e TV (CETIC.BR, 2020; COUTINHO; MATA, 2010; LOUREIRO, 2009; GRUPO DE MÍDIA SP, 2019). Essas mudanças podem ser associadas ao desenvolvimento de tecnologias da informação e da comunicação, em um contexto de compressão tempo-espaço e de conectividade permanente, conforme abordado nos parágrafos anteriores. Isso tem levado a indústria de mídia a discutir e modelar novas dinâmicas quanto aos seus processos produtivos e modelos de negócio (KANTAR; IBOPE, 2020). Com recursos multimídia, hipertexto e interatividade, a internet tem se mostrado um ambiente cada vez mais atrativo àqueles que buscam conhecimento científico, tanto que se tornou, nos Estados Unidos, já há alguns anos, a principal fonte de informação sobre ciência (BROSSARD, 2013).

Os sites e as mídias sociais desempenham papel decisivo na modelagem de novas formas de compartilhamento de informação baseadas em evidências (BROSSARD, 2013; JARREAU; PORTER, 2018). Não por acaso, a consolidação de novos hábitos de publicização e de consumo de conhecimento científico têm dado origem à institucionalização de novas métricas que levam em conta métodos inovadores para mensurar impacto (MOHAMMADI *et al*, 2015).

Os impactos das TICs sobre os periódicos brasileiros, com reflexos tanto nos formatos e dinâmicas das revistas quanto de hábitos dos seus consumidores, estão na agenda da pesquisa nacional, sobretudo nos campos da ciência da informação e da comunicação (STUMPF, 1996, 1998; OLIVEIRA, 2019a, 2019b; OLIVEIRA; SOBREIRA, 2020; MARTINO, 2021). O desenvolvimento de softwares dedicados à coleta e à sistematização de dados em volume, associado a ferramentas da estatística, passou a influenciar fortemente o debate sobre políticas de ciência e tecnologia em diversos países, incluindo o Brasil, em um contexto de disputa por poder no ecossistema científico global (OLIVEIRA, 2019a, 2019b).

Desse contexto, emerge aquilo que Oliveira e Sobreira (2020, p. 20) denominam de “novos processos de midiaticização da ciência, em que os atuais ambientes midiáticos favorecem novas dinâmicas de visibilidade aos cientistas, capazes de alterar as relações de força que regem o fazer científico enquanto resultado da ação social”. Essas

transformações se revelam tanto em nível estrutural quanto agencial. Diante desse panorama, a presente investigação se dedicou a coletar e sistematizar dados em nível agencial, a partir da perspectiva de pesquisadores que consomem informação científica e, assim, contribuir com esse debate.

Procedimentos metodológicos

A pesquisa cujos resultados são apresentados adiante foi guiada pelo seguinte problema: em um ambiente comunicacional híbrido de indivíduos permanentemente conectados em rede, como a comunidade acadêmica consome informação científica? Em outras palavras, buscou-se verificar como acadêmicos (aí compreendidos professores, pesquisadores e estudantes), em um ecossistema comunicacional marcadamente descontínuo e hipertextual, relacionam-se com periódicos científicos tradicionalmente estruturados sob a lógica do texto e da localização espaço-temporal.

Com o propósito de operacionalizar a investigação, definiu-se o seguinte desenho de pesquisa:

- (i) recortar como população indivíduos do campo de duas áreas do conhecimento científico: Comunicação e Interdisciplinar;
- (ii) estabelecer esse recorte populacional com base na autodeclaração individual de pertencimento, ou seja, reconhecer que o indivíduo compõe a população a partir de sua própria percepção;
- (iii) adotar como amostra indivíduos vinculados, formal ou informalmente, a associações científicas que abarquem ambas as áreas, sob a lógica da comunidade de práticas;
- (iv) trabalhar com amostra não aleatória do tipo intencional: questionário enviado à lista de discussão por e-mail de acadêmicos vinculados a ambas as entidades (Intercom e Compós).

Se, por um lado, a amostra não aleatória do tipo intencional tornou viável a realização da investigação, por outro ela apresenta viés de seleção importante (WHEELAN, 2016; DANCEY; REIDY, 2017). Por isso, vale ressaltar, o presente trabalho não teve a intenção de generalizar os resultados para a população. Mais do que uma amostra representativa, buscou-se uma amostra significativa (MARTINS; PINTO, 2015), o que foi propiciado por meio da adoção da concepção de comunidade de práticas, conceituado como grupos de pessoas que compartilham uma preocupação ou

uma paixão pelo que fazem e aprendem como fazer melhor conforme interação entre si (WENGER, 1998; SMITH, 2016). Para casos em que essa conceituação é aplicada, a amostragem não se mostra decisiva, mas sobretudo o grau de identidade entre os integrantes do grupo abordado.

Foram alvo da investigação, então, as comunidades de práticas (a) reunidas em ferramentas gratuitas de discussão das principais entidades associativas a reunir acadêmicos das áreas da Comunicação e Interdisciplinar e (b) em contato por aplicativos de mensageria, sendo que, neste caso, grande parte dos interlocutores também participam das ferramentas mencionadas. A Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação)² é uma associação de estudantes (graduação e pós-graduação), professores, pesquisadores e profissionais de mercado da comunicação. A Compós (Associação Nacional de Programas de Pós-graduação em Comunicação)³, por sua vez, reúne programas de pós-graduação como associados. Ambas as entidades promovem congressos anuais que, juntos, recebem algo em torno de quatro mil participantes, bem como contam com lista de discussão de e-mail.

A coleta de dados foi realizada por meio do envio de um questionário para essas listas de e-mails. Adotou-se, assim, a ferramenta de *web survey*, recomendada para casos desse tipo, cujo alvo são respondentes integrantes de uma comunidade específica (COUPER, 2001; COUPER; MILLER, 2008). Sua elaboração foi inspirada em orientações para uso desse recurso previstos pela literatura (REDLINE, 2013; CENDÓN; RIBEIRO; CHAVES, 2014). Na próxima seção, são apresentados os resultados obtidos a partir da aplicação desses procedimentos metodológicos e técnicos.

Frise-se, como ressaltado na introdução deste artigo, que os autores não buscaram obter uma amostra estatisticamente válida quanto à representatividade dos campos da comunicação e interdisciplinar. Para isso, teria sido necessário empreender esforços e métodos de investigação adicionais, possivelmente fazendo uso de financiamento específico (do qual não se dispunha no momento). Mesmo assim, acredita-se que a amostra obtida indica resultados e mudanças comportamentais potencialmente aplicáveis, em geral, aos dois campos.

Resultados & Discussão

² Site da Intercom: <https://www.portalintercom.org.br/>

³ Site da Compós: <https://www.compos.org.br/>

Sobre os respondentes

O questionário destinou-se aos integrantes da comunidade acadêmica das áreas Interdisciplinar e de Comunicação Social. Conforme explicado na seção anterior, os autores divulgaram o questionário em duas das principais listas de discussão desses campos (as mantidas pelas entidades Intercom e Compós) e individualmente para pesquisadores e professores, sempre sendo solicitado que esses interlocutores repassassem o convite para outros docentes, discentes e pesquisadores dos campos citados. Graças a esse esforço, de 11 de agosto a 11 de setembro de 2020, foram recebidas 336 respostas. Nenhuma questão foi marcada como de resposta obrigatória, logo nem sempre esse total foi alcançado para cada uma das perguntas.

Os respondentes identificaram-se majoritariamente como de gênero feminino (54,8%); com idade entre 30 e 49 anos (60,1%); com rendimento mensal entre cinco e quinze salários-mínimos (57,5%); com título de doutor (28%) ou de doutor já com pós-doutorado (28,5%). Verifica-se, assim, que o universo de respondentes tem experiência com pesquisa acadêmica, o que se depreende da titulação, visto que mais da metade já concluiu o doutorado, e, em parte, da faixa etária predominante. Ou seja, trata-se de público habituado a recorrer a periódicos acadêmicos e, portanto, apto a responder a pesquisa.

O universo de respondentes é representativo no que se refere à distribuição geográfica. Todos os estados e o Distrito Federal estão representados na pesquisa, à exceção de Acre e Amapá. É preciso ressaltar que essas duas unidades da federação sediam, cada uma, apenas um curso de mestrado acadêmico na área de avaliação Interdisciplinar e nenhum na área de Comunicação Social. Questionados onde residiam, 21,7% dos respondentes mencionaram o estado de São Paulo; 12,2%, o Rio de Janeiro; 10,7%, o Rio Grande do Sul; e 6%, Minas Gerais.

Dos 336 respondentes, 263 (78,3%) manifestaram manter vínculo com a área de Comunicação Social. Desses, 243 (92,4%) estão vinculados a cursos de graduação e/ou a programas de pós-graduação e os demais vinte atuam como pesquisadores na área. Dos 73 respondentes atuantes na área interdisciplinar, 62 (84,9%) são vinculados a cursos de graduação e/ou a programas de pós-graduação e os demais reconhecem-se como pesquisadores.

No que se refere ao tipo de vínculo mantido com os cursos e programas, 92 (27,4%) respondentes são estudantes de programas de pós-graduação *stricto sensu*; 74 (22%) são professores de graduação e de programas de pós-graduação; e 46 (13,7%) são

professores de cursos de graduação. Dos 336 respondentes, 34 (10,1%) são pesquisadores desvinculados de programas de pós-graduação. Os 26,8% restantes mantêm outros tipos de vínculo. Os cursos de graduação e programas de pós-graduação aos quais os respondentes estão vinculados situam-se em 24 unidades da federação, não se observando a presença dos estados do Acre, Amapá e Goiás. Os estados mais mencionados foram São Paulo, por 76 respondentes (22,6%); Rio de Janeiro, por 37 (11%); Rio Grande do Sul, por 33 (9,8%); e Pernambuco, por 32 (9,5%).

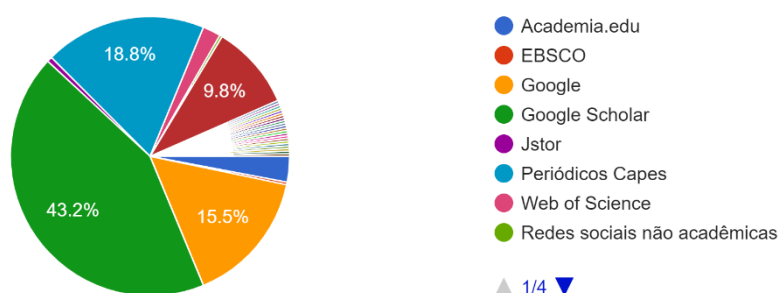
Sobre o hábito de leitura de periódicos acadêmicos

O gráfico a seguir demonstra uma grande diversidade de fontes de referências bibliográficas. Vale lembrar que, além das opções constantes do questionário, havia um campo em aberto para que os interessados listassem outras fontes.

Gráfico 1 - Fontes de pesquisa de referências bibliográficas

Quando você busca referências bibliográficas acadêmicas em meio digital, qual é a sua principal fonte de pesquisa?

336 responses



Fonte: Dados da Pesquisa (2020)

A principal fonte de pesquisa foi o Google Scholar, mencionado por 145 respondentes (43,2%); a seguir, a base Periódico Capes, por 63 (18,8%); e, em terceiro lugar, a ferramenta de busca Google, por 52 (15,5%).

Assim, 197 respondentes (58,7%) optam por realizar essa busca principalmente a partir de ferramentas criadas pela empresa Google. Essa constatação impõe algumas reflexões. Consciente ou inconscientemente, quem recorre a essas plataformas para selecionar suas fontes submete-se a uma política específica de filtragem e de hierarquização de trabalhos, decidida e implementada por uma das principais empresas, em nível global, com atuação voltada à internet.

Passa, ainda, a dialogar, de forma mais ou menos crítica, com indicadores de produtividade (“índice h” e “índice i10”) que vêm sendo defendidos como apropriados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) em suas manifestações recentes (CAPES, 2020). Vale lembrar que essa defesa ocorre em um momento de reavaliação de programas de pós-graduação brasileiro, com possível impacto para todo ecossistema relacionado à pesquisa acadêmica no país.

Em tese, se as plataformas do Google fossem as *únicas* fontes de pesquisa, a aderência a essa métrica de forma acrítica poderia ser maior. Não parece, contudo, ser este o caso. Afinal, 217 respondentes (64,6%) informaram que acessam “diretamente” (sem passar por qualquer outra plataforma) o site de um ou mais periódicos acadêmicos. Desses 217, observou-se que 201 (92,6%) complementaram suas respostas, listando um ou mais periódicos cujos sites visitam. Os demais respondentes podem restringir-se às suas ferramentas de busca preferidas ou, ainda que não acessem “diretamente” os periódicos, podem estar chegando a eles por meio de outros mecanismos de busca ou plataformas.

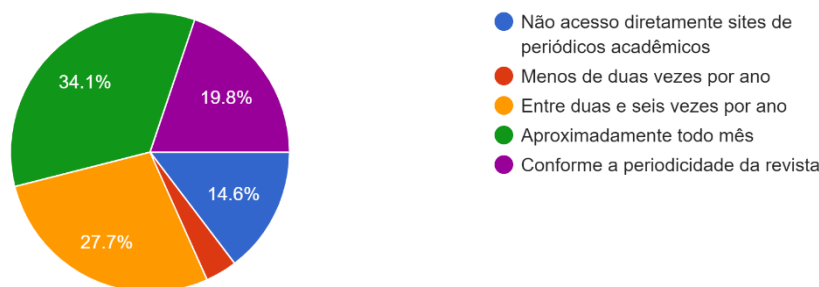
Verifica-se, portanto, nesta amostra, um consumo de informações acadêmicas fruto de plataformas de busca e de bases agregadoras de periódicos. Este não é, porém, o único caminho traçado pelos pesquisadores, eis que quase dois terços deles ainda recorrem diretamente aos sites dos próprios periódicos acadêmicos. Observa-se, dessa forma, uma tendência à opção por plataformas e bases agregadoras, utilizadas de forma concomitante ao acesso a periódicos diretamente. Pode-se afirmar, assim, a partir dos dados aqui reunidos, que ainda existe uma diversidade de caminhos para o consumo de informações acadêmicas, considerando-se as áreas e o público-alvo desta pesquisa.

A pergunta seguinte tratava do motivo pelo qual os respondentes acessam os sites dos periódicos, sendo possível marcar mais de uma resposta. O interesse na atual edição do periódico, principal motivo, foi citado 243 vezes (em 74,5% das respostas) e o interesse em edições antigas, 213 (65,3%). Enquanto isso, apenas 26 respondentes (8%) declararam nunca acessar site de periódico acadêmico. Há também quem os acesse para buscar informações sobre a submissão de artigos (200 menções, ou seja, 61,3%) ou informações para pareceristas (36, 11%). Esse acesso ocorre, ainda, normalmente com periodicidade definida e regular, conforme demonstra o gráfico a seguir:

Gráfico 2 - Frequência de acesso aos sites de periódicos acadêmicos

Com que frequência você acessa diretamente o(s) site(s) mencionado(s)?

328 responses



Fonte: Dados da Pesquisa (2020)

Somando-se as duas respostas mais frequentes, tem-se que 203 respondentes (61,8%) acessam os sites de periódicos, pelo menos, duas vezes por ano. Mais da metade desse total, 112 (ou 34,1% dentre todos os respondentes), costuma acessá-los aproximadamente todo mês.

Já 48 respondentes (14,6%) disseram não acessar diretamente sites de periódicos acadêmicos. Entre as razões mencionadas para esse comportamento estão a busca direta e preferencial por temas e autores; o esquecimento das URLs; a aposta em intermediários (colegas) que funcionariam como filtros na seleção de artigos; desconhecimento dos periódicos existentes; e falta de costume, dentre diversos outros.

Em contrapartida, esse é mais um indício de que essa parcela da comunidade acadêmica tende a não se restringir a plataformas de busca de uma empresa específica. Afinal, 85,4% dos respondentes confirmaram que mantêm uma rotina de acesso direto aos sites de periódicos acadêmicos. Verifica-se, assim, que, a despeito de não serem as principais fontes de pesquisa por referências bibliográficas, os sites de periódicos acadêmicos ainda são relevantes e procurados por grande parte dos respondentes.

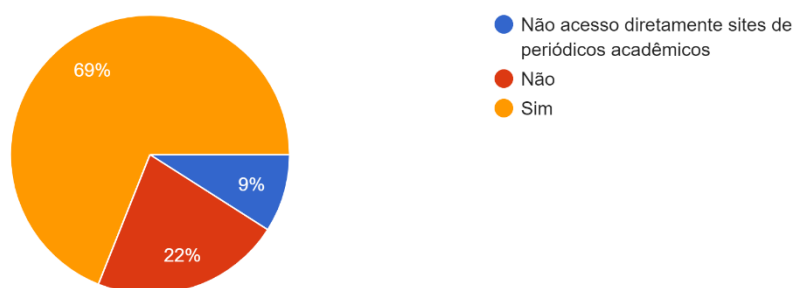
Se a leitura de periódicos em meio digital continua sendo uma importante prática para o consumo de informações acadêmicas, a leitura de periódicos impressos está em desuso. Dentre os respondentes, 294 (88,3%) responderam que não os leem neste formato, enquanto apenas 39 (11,7%) ainda mantêm este hábito. Uma hipótese decorrente desta constatação – sujeita a testes em investigações futuras – é a de que pode ser baixa a circulação, em território nacional, de periódicos impressos. Acredita-se que essa pode ser uma tendência mundial.

O questionário tratou, ainda, de questões relacionadas à classificação dos periódicos e sua importância para os respondentes. A reflexão sobre esse ponto é ainda mais importante em um momento como o de realização da pesquisa (e de conclusão deste artigo), eis que se encontra em discussão a revisão do modelo de classificação. Observa-se que a classificação Qualis/Capes é considerada importante por 229 respondentes (69%):

Gráfico 3 - Importância da classificação Qualis/Capes

Para você, a classificação Qualis/Capes do(s) periódico(s) mencionado(s) afeta a importância dele(s)?

332 responses



Fonte: Dados da Pesquisa (2020)

Ainda que a avaliação majoritária aponte para a importância da classificação, apenas 209 respondentes (63,1%) confirmaram saber a classificação atribuída aos periódicos cujos sites acessam. Como são próximos os percentuais de respondentes que consideram importante a classificação Qualis/Capes (69%) e daqueles que confirmaram conhecer a classificação de seus periódicos preferidos (63,1%), é possível formular hipótese sujeita a teste em pesquisa futura: quem desconsidera a importância da classificação não se importa com a nota recebida pelo(s) periódico(s) do qual gosta. De toda sorte, em tempos de discussões que, no limite, chegaram a aventar o fim da classificação Qualis/Capes, é necessário ressaltar sua relevância para cerca de dois terços dos respondentes.

Considerações finais

O presente artigo é resultado de uma investigação que buscou identificar como acadêmicos – professores, pesquisadores e estudantes –, em um ecossistema comunicacional marcadamente descontínuo e hipertextual, consomem informações acadêmicas ao se relacionar com periódicos científicos tradicionalmente estruturados sob a lógica do texto e da localização espaço-temporal. Em termos de métodos e técnicas, recorreu-se aos conceitos de comunidade de práticas e *web survey*, respectivamente, aplicados a acadêmicos direta ou indiretamente ligados a entidades associativas das áreas da Comunicação e Interdisciplinar (Compós e Intercom).

As evidentes mudanças por que passa o consumo de informações no mundo, já consagradas pela literatura, e suas implicações para o cenário acadêmico, ainda carentes de evidências, motivaram este estudo. Era preciso tentar fornecer subsídios para avaliar se, em nosso campo de atuação, nas áreas de Comunicação e Interdisciplinar, de fato vem ocorrendo uma mudança na forma de consumo de informações acadêmicas ou se essa era apenas uma sensação falsa dos autores e de seus interlocutores mais próximos.

Ainda que não permita que se extrapole o resultado para além das comunidades de práticas aqui abordadas (e nem se pretendeu, como já frisado, essa extrapolação), este estudo reuniu uma amostra diversificada das áreas estudadas. Entre os respondentes estão residentes em 25 unidades da federação vinculados a cursos e programas de pós-graduação existentes em 24 dessas unidades. É forçoso reconhecer que participaram desta pesquisa, em maior número, profissionais residentes em unidades da federação com programas de pós-graduação mais tradicionais nas áreas mencionadas; impende registrar, contudo, que ainda é consideravelmente desigual a distribuição de programas nesse nível pelo país.

Também se verificou um número elevado de respondentes com trajetória acadêmica consolidada. Afinal, 56,5% são doutores, com ou sem pós-doutorado, e 60,1% têm entre 30 e 49 anos. Trata-se, portanto, de um público acostumado a lidar com periódicos acadêmicos e com o consumo de informações acadêmicas, ou seja, o público esperado para um estudo como este que aqui se desenvolveu.

Pelas respostas dadas ao questionário, verifica-se que, sim, houve uma mudança considerável nesse hábito de consumo, ao menos nas comunidades de práticas aqui tratadas. Periódicos, uma – se não “a” – unidade central de estruturação da produção acadêmica, são a principal fonte de pesquisa de apenas 9,8% dos respondentes. Além

disso, verificou-se que 14,6% dos respondentes sequer acessam diretamente sites de periódicos acadêmicos. Eles foram substituídos, em termos de preferência, por bases consolidadas e aglutinadoras de um maior número de publicações. Note-se que, com isso, grande parte da comunidade acadêmica sujeita-se a critérios de escolha e de hierarquização externos ao próprio pesquisador e definidos, ao menos em parte, por plataformas consolidadas e, em parte, estrangeiras.

Isso se torna ainda mais relevante, quando se constata que 58,7% dos respondentes optam preferencialmente por ferramentas de busca de uma mesma empresa. Assim, parte considerável da comunidade acadêmica das áreas de Comunicação e Interdisciplinar não se sujeita apenas a critérios de escolha e de hierarquização com os quais não contribuiu ou contribuiu pouco. Na verdade, subordina-se a um único conjunto de critérios, definidos fora dessas comunidades (e do país) e que, a médio prazo, têm chances de serem reconhecidos e assimilados como os oficiais, como demonstram as recentes discussões no âmbito dos órgãos federais responsáveis pelo tema.

Paradoxalmente, essas comunidades de práticas parecem resistir a essa assimilação: cerca de dois terços dos respondentes informam que continuam acessando diretamente sites dos periódicos, sem se submeter (exclusivamente) aos filtros das plataformas de busca e bases agregadoras. Ou seja, concomitantemente fazem uso dessas, sem abandonar a prática de recorrer àqueles. Mais de um terço dos participantes respondeu que acessa os sites de periódicos todo mês e um grupo de tamanho próximo informou que recorre a essas fontes entre duas e seis vezes por ano. Além disso, outro exemplo dessa aparente resistência é que, ao mesmo tempo em que aderem às ferramentas mencionadas, mais de dois terços dos respondentes ainda afirmam que o indicador Qualis/Capes continua sendo importante para se verificar a relevância de um periódico.

Este estudo não buscou tratar da aparente contradição entre o apego a plataformas de busca, bases agregadoras e indicadores notadamente estrangeiros (exceção feita à base brasileira Periódicos Capes) e a defesa de métricas de classificação e sites de periódicos nacionais. Em pesquisas futuras, porém, pode ser interessante verificar se essa situação reflete apenas a busca por um indicador qualquer de comparação ou se se está diante de uma progressiva superação de um indicador (Qualis/Capes) por outros (estabelecidos pelo Google), sem que esse processo tenha terminado ainda.

Pode-se, ainda, imaginar esta como uma nova fase de um processo mais amplo de mudanças no consumo de informações acadêmicas. O estudo apresenta elementos que permitem cogitar a consolidação e a prevalência de ferramentas de busca de uma mesma empresa, mas esse cenário não surgiu do nada. Antes dele, havia um outro, não mensurado nessas comunidades de práticas, porém marcado pela existência e concorrência efetiva de um número considerável de plataformas e de sites de periódicos. E, antes mesmo desse cenário, existia outro em que periódicos acadêmicos digitais conviviam com edições impressas e com publicações exclusivamente impressas. Atualmente, porém, apenas 11,7% dos respondentes afirmam ler edições impressas, o que confirma um cenário de provável ocaso desse meio de registro da produção acadêmica. Essa pesquisa não oferece elementos – nem tentou oferecê-los – que permitam concluir que essa tendência vai além do contexto brasileiro. No entanto, parece razoável formular a hipótese, cuja comprovação fica sujeita a outras investigações, de que a progressiva substituição de periódicos impressos por edições digitais é uma tendência global, reproduzindo-se também no Brasil, considerando-se os elementos constantes nesta investigação e as percepções dos autores e de seus principais interlocutores.

Acredita-se que este estudo tenha contribuído para evidenciar mudanças efetivas nos hábitos de leitura de periódicos acadêmicos no âmbito das comunidades de práticas das áreas de Comunicação e Interdisciplinar. Outras pesquisas ainda precisam ser realizadas para verificar a extensão desse fenômeno e a replicação de suas características em outras comunidades de práticas.

Referências

- BELL, DANIEL. **O Advento da Sociedade Pós-Industrial**. [s.l.]: Cultrix, 1973.
- BROSSARD, D. New media landscapes and the science information consumer. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 110, n. Supplement_3, p. 14096–14101, 2013.
- CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Critérios Gerais e Princípios do Modelo de Qualis Referência**. 2020.
- CASTELLS, Manuel; JOSCELYNE, Vera Lúcia Mello. **O poder da comunicação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2016.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CENDÓN, Beatriz Valadares; RIBEIRO, Nádia Ameno; CHAVES, Consuelo Joncew. Pesquisas de survey: análise das reações dos respondentes. **Inf. & Soc.:Est.**, João Pessoa, v. 24, n. 3, p. 29-48, set./dez. 2014.

CETIC.br; Nic.br; Cgi.br. Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos Domicílios Brasileiros – **TIC Domicílios 2019**. Disponível em: https://cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2019_coletiva_imprensa.pdf. Acesso em: 5 nov. 2020.

COLEMAN, Stephen. **Can The Internet Strengthen Democracy?** 1ª edição. [s.l.]: Polity, 2017.

COUPER, M. P.; MILLER, P. V. Web Survey Methods: Introduction. **Public Opinion Quarterly**, v. 72, n. 5, p. 831–835, 2008.

COUPER, M. P.; MILLER, P. V. Web Survey Methods: Introduction. **Public Opinion Quarterly**, v. 72, n. 5, p. 831–835, 2008.

DANCEY, Christine P.; REIDY, John. **Statistics without maths for psychology.** Seventh Edition. New York: Pearson, 2017.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade.** São Paulo: Editora Unesp, 2002. GRUPO de Mídia SP. **Mídia Dados 2019**. Disponível em: <https://www.gm.org.br/midia-dados-2019>. Acesso em: 5 nov. 2020.

HALL, Stuart; SILVA, Tomaz Tadeu da; LOURO, Guacira Lopes. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade.** 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural.** 25. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

JARREAU, Paige Brown; PORTER, Lance. Science in the Social Media Age: Profiles of Science Blog Readers. **Journalism & Mass Communication Quarterly**, v. 95, n. 1, p. 142–168, 2018.

KANTAR; IBOPE. **Dimension 2020**. Disponível em: <https://www.kantaribopemedia.com/dimension-2020/>. Acesso em: 5 nov. 2020.

KUMAR, Krishan. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: Novas teorias sobre o mundo contemporâneo.** 1ª edição. [s.l.]: Zahar, 1997.

LYOTARD, Jean-Francois. **A condição pós-moderna.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

MARTINO, Luis Mauro Sá. Espaços de uso da teoria: uma cartografia inicial das revistas científicas de Comunicação. **Comunicação & Inovação**, v. 22, n. 50, 2021. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/8089. Acesso em: 10 dez. 2021.

MARTINS, Fernanda; PINTO, Maria da Graça Lisboa Castro. Procedimentos de pesquisa: alguns conselhos práticos para o estudo também psicolinguístico de realidades concretas. **Letras de Hoje**, v. 50, n. 1, p. 7–12, 2015.

MOHAMMADI, Ehsan; THELWALL, Mike; HAUSTEIN, Stefanie; *et al.* Who reads research articles? An altmetrics analysis of Mendeley user categories. **Journal of the Association for Information Science and Technology**, v. 66, n. 9, p. 1832–1846, 2015.

OLIVEIRA, Thaiane Moreira de. As Métricas Alternativas e Ciência Aberta na América Latina: desafios para a democratização do conhecimento. **Transinformação**, v. 31, p. e190089, 2019.

OLIVEIRA, Thaiane Moreira de. As políticas científicas na era do conhecimento: uma análise de conjuntura sobre o ecossistema científico global. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 24, n. 1, p. 191–215, 2019.

OLIVEIRA, Thaiane; SOBREIRA, Rafael. Transformações, disputas e circuitos de inovação nas publicações científicas frente à ciência aberta. *In*: MIRANDA, Angélica C. D.; DAMASIO, Edilson; FIRME, Simone Machado (Org.). **Ciência Aberta: Visão e contribuição a partir da visão dos periódicos científicos**. Rio Grande, RS: Ed. da FURG, 2020.

REDLINE, Cleo. Clarifying Categorical Concepts in a Web Survey. **Public Opinion Quarterly**, v. 77, n. S1, p. 89–105, 2013.

SMITH, Amy E. Knowledge by association: communities of practice in public management. **Public Administration Quarterly**, v. 40, n. 3, p. 655–689, 2016.

STUMPF, Ida Regina Chitto. Passado e futuro das revistas científicas. **Ciência da Informação**, v. 25, n. 3, 1996. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/637>. Acesso em: 10 dez. 2021.

STUMPF, Ida Regina Chitto. Reflexões sobre as revistas brasileiras. **Intexto**, v. 1, n. 3, p. 1–10, 1998.

THOMPSON, John B. **Mídia e a modernidade: Uma teoria social da mídia**. 15. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

WENGER, Etienne. **Communities of practice: learning, meaning, and identity**. [s.l.: s.n.], 1998.

ⁱ Doutor em Administração (Ebape/FGV), com pós-doutorado em Comunicação Social (UnB e UFRJ). Professor do Programa de Pós-graduação em Mídia e Tecnologia da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista (PPGMit/Faac/Unesp). Reside em Brasília-DF.

ⁱⁱ Doutor em Ciência Política (UFPE), com pós-doutorado em Comunicação Social (UFBA). Professor do Programa de Pós-graduação em Indústrias Criativas da Universidade Católica de Pernambuco (PPGCriativas/Unicap). Reside no Recife-PE.